

Os Essênios e os Templários

(A Odisséia dos Essênios – Hugh Schonfield – Ed. Mercúrio)

Depois de ter escrito a maior parte desta obra, chegaram às minhas mãos alguns dados sobre os cavaleiros templários. Como isto era relevante a de especial interesse, resolvi apresenta-lo num Apêndice.

A informação proveio de um livro recente intitulado *The Holy Blood and The Holy Grail*, escrito por Michael Baigent, Richard Leighton e Henry Lincoln, e publicado na Inglaterra por Jonathan Cape. O tema dos autores não tem relação com o meu e por isso não tenho como apóia-lo. Mas suas pesquisas forneceram dados que conjugam com o meu tema em aspectos importantes. Assim, fui beneficiado pelo aparecimento tão oportuno deste livro.

No decurso de suas pesquisas, os autores precisaram investigar e citar fontes antigas relacionadas aos templários, entre as quais havia algumas, pelo que pude ver, que tinham laços definidos com o essenismo. Sou muito grato por me ter sido permitido o acesso e o use desta matéria. Felizmente, estou na posição de retribuir com revelações que são importantes às investigações destes autores. As referências a seu livro aparecem com as iniciais HBHG, acompanhadas do número das páginas.

A ordem militar dos cavaleiros templários, segundo Guillaume de Tyre, foi fundada em 1118 d.C. por um certo nobre de Champagne chamado Hugues de Payen. O título completo da ordem era "os Cavaleiros Pobres de Cristo e do Templo de Salomão", a originalmente era formada por nove cavaleiros, incluindo o fundador. A segunda metade do título devia-se ao fato de que inicialmente o edifício ocupado pelos templários fazia parte do antigo templo judaico de Jerusalém.

O propósito da ordem, conforme afirmado por Guillaume de Tyre, era "enquanto tivessem forças, deviam manter seguros os caminhos e as estradas (i.é, da Terra Santa)... dando atenção especial à proteção dos peregrinos."

Os templários, entretanto, chegaram a se destacar de outras maneiras, como repositórios de ensinamentos não ortodoxos e esotéricos. Os autores de HBHG dizem que eles tinham um "contato permanente e complacente com a cultura islâmica e judaica." Isto é muito importante por possibilitar-lhes o acesso a alguns dos métodos e mistérios do ocultismo oriental.

Além do mais, os templários tinham um relacionamento cada vez mais próximo com os cátaros, especialmente em Languedoc, no sudoeste da Europa, a muitos nobres cátaros alistaram-se na ordem. Informam-nos que:

Em virtude do seu contato com as culturas islâmica e judaica, os templários já tinham absorvido uma grande quantidade de idéias estranhas ao cristianismo ortodoxo romano. Os mestres templários, por exemplo, freqüentemente tinham sectários árabes trabalhando como empregados, e muitos templários, tendo aprendido a língua árabe no cativeiro, dominavam-na fluentemente. Mantinham intercâmbio também com as comunidades judaicas, com interesse financeiro e cultural. Os templários foram expostos desta maneira a muitas coisas que Roma normalmente não favoreceria. Através do afluxo de recrutas cátaros, estavam expostos agora ao dualismo gnóstico também, se realmente o desconheciam.

Através destas associações, os templários teriam ganhado acesso a grande parte do ensinamento essênio na forma como foi mais tarde canalizada por conceitos gnósticos e cabalísticos. Estes assuntos esotéricos somente podiam ser estudados pelos templários em segredo e sob severos votos de silêncio. Estas condições modificaram o caráter inteiro da ordem. E, como não podia deixar de ser, vazamentos e boatos espalharam que o poder dos templários passou a residir nas artes e no conhecimento considerados sinistros.

Os cátaros, como sabemos, valorizavam o livro Barlaam e Joasaph, e alguns dos textos de Asaf chegaram ao Ocidente durante a Idade Média. Quanto ao dualismo gnóstico que influenciou os cátaros, sem dúvida este tinha antecedentes essênios. Consideravam-se as Odes de Salomão produto do gnosticismo valentiniano, e entre elas encontramos um salmo que se compara aos Salmos de Ação de Graças dos Manuscritos do Mar Morto, que alguns estudiosos atribuem ao misterioso Mestre Verdadeiro.

A partir das evidências que sobreviveram podemos, acaso, penetrar mais nos segredos arcanos dos templários?

No início do século XIV, Filipe IV da França, movido por interesse próprio, investiu contra os templários com a colaboração do papa Clemente V.

"Na França, os templários detidos eram julgados a muitos deles sujeitos à tortura. Extraíram-se confissões estranhas e fizeram-se acusações mais estranhas ainda. Boatos sombrios começaram a circular pelo país. Os templários eram suspeitos de cultuarem o demônio chamado Bafomet, a que nas suas cerimônias secretas se prostravam perante a cabeça de um homem barbado, que lhes falava a lhes dava poderes ocultos. Testemunhas não autorizadas dessas cerimônias nunca mais eram vistas."

Os mistérios aqui mencionados nunca foram explicados. Mas as evidentes ligações com o conhecimento dos essênios sugeriram para mim que estes relatos poderiam estar fundamentados em fatos. Decidi tratar o nome Baphomet, obviamente artificial, como mais um caso do uso da linguagem críptica Atbash no propósito de ocultar. Ao escrever Baphomet em caracteres hebraicos resultou = <math>\\$>, que pelo Atbash se converteu imediatamente <math>? : 6 \&(Sofia), a palavra grega para Sabedoria (\Sigma\phi\iota\alpha). Assim este antigo segredo secular, pela primeira vez estava sendo desvelado!

E quanto à cabeça de homem barbado? Na figura cósmica de Adão Kadmon (Homem do Céu) a cabeça de homem barbado chama-se em hebraico <math>8. 45 (Chokmah), i.é, Sabedoria. A Sofia grega representa uma figura feminina e não masculina, e não nos surpreendemos ao encontrar em poder dos templários, segundo os registros da Inquisição, um esquife tendo na tampa "uma grande cabeça de prata lavrada, belíssima, na forma de uma mulher."

Poderia parecer que os templários teriam tido acesso à mitologia gnóstica, seja através dos cátaros ou independentemente, que por sua vez derivara de interpretações cosmológicas muito antigas. Na Bíblia há um eco em Provérbios viii, onde a Sabedoria (feminina), como o masculino Logos (Verbo) do Evangelho de João, no Princípio estava com Deus a ao Seu lado quando Ele criou a Terra. Mas nos Provérbios a Sabedoria contrapõe-se à Loucura, representada no capítulo anterior por uma prostituta. Por outro lado, nos sistemas gnósticos a Sabedoria era aprisionada pelos poderes do mundo material e forçada a prostituir-se. Era para redimi-la, a assim "restaurar todas as coisas", que o Homem Arquetípico apareceu na Terra.

A doutrina simoniana (Simon Magus) equiparava Sofia à Ennoia (o Primeiro Pensamento) de Deus. Conforme um hino gnóstico:

Ela passava de um corpo para outro, Sofrendo sempre a desonra por isso; Por último Ela se manifestou numa prostituta; Esta é a ovelha perdida. Ele veio por sua causa, Para liberta-la de seus grilhões, E oferecer a salvação aos homens Que o reconhecerem.

Simon Magus reivindicava ter descoberto esta "ovelha perdida" numa prostituta em Tiro chamada Helena, e andava com ela, ele como o Sol e ela como a Lua (Selene = Luna). Há muito em que se aprofundar aqui, mas isto nos desviaria demais da nossa rota. Podemos destacar, todavia, que o lado pagão do mito gnóstico é que os simonianos cultuavam Helena como Atena (Deusa da Sabedoria), que por sua vez identificava-se no Egito com Ísis. Plutarco afirma que Ísis era chamada às vezes de Sofia, e um papiro de Oxyrhynchus identifica Ísis com a Astarte síria. Certamente podemos retroceder muito mais até "a antiga deusa babilônia Inanna, aquela que desceu ao mundo inferior, onde foi maltratada defronte os sete portões."

Haveria pouca margem de dúvida de que a bela cabeça de mulher dos templários representasse Sofia, no seu aspecto de mulher e de Ísis, que a interpretação cristã ligou a Maria Madalena. Parece que os templários conheciam bem as origens mitológicas a cósmicas. Uma das ilustrações no HBHG retrata o selo do ramo britânico da ordem do ano de 1303 d.C.11 O simbolismo é o cósmico e o intercredo disfarçados. No topo, a estrela e o crescente do islã foram adaptados, retratando a lua crescente da Deusa Mãe como um barco com uma cruz erguida num poste servindo de mastro. Embaixo há um leão, ostensivamente da Inglaterra, mas na verdade é o leão do Sol a de Judá (o rei vindo do sol). De cada lado há uma estrela de cinco pontas representando possivelmente as duas funções messiânicas, a sacerdotal e a régia, como as duas oliveiras de Zac.iv.11-14. O simbolismo aproxima-se bastante do mistério messiânico na forma concebida pelos essênios.